



UNIFAP
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ



PROFHISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA

GUIA BÁSICO DE MUSEUS DO AMAPÁ PARA DECOLONIZAR O ENSINO DE HISTÓRIA

MAILSON BRAGA UCHÔA

Orientador: Prof. Dr. Vitor Sousa Cunha Nery



Museus no Amapá



1. Museu Histórico Joaquim Caetano

- 1.1 Descrição: Importância histórica e acervo.
- 1.2 Perspectiva Decolonial: Discussão sobre narrativas indígenas e afro-brasileiras.
- 1.3 Recomendações: Debates sobre representação cultural.



2. Museu Sacaca

- 2.1 Descrição: Cultura popular e biodiversidade.
- 2.2 Perspectiva Decolonial: Valorização das culturas marginalizadas.
- 2.3 Recomendações: Atividades de criação de exposições.



3. Museu da Fortaleza de São José

- 3.1 Descrição: História militar e colonial.
- 3.2 Perspectiva Decolonial: Conflitos coloniais e indígenas.
- 3.3 Recomendações: Simulações de debates históricos.



4. Museus de Artes, Culturas e Memórias Negras

- 4.1 Descrição: Valorização da cultura afro-brasileira.
- 4.2 Perspectiva Decolonial: Luta por direitos e resistência cultural.
- 4.3 Recomendações: Oficinas de arte e apresentações artísticas.



5. Museu de Arqueologia e Etnologia

- 5.1 Descrição: Acervo de culturas diversas.
- 5.2 Perspectiva Decolonial: Estudo das culturas indígenas.
- 5.3 Recomendações: Projetos de análise crítica de artefatos.



6. Museu Kuawi dos Povos Indígenas do Amapá

- 6.1 Descrição: Cultura e história indígena.
- 6.2 Perspectiva Decolonial: Valorização da voz indígena.
- 6.3 Recomendações: Encontros com líderes indígenas.



7. Parque Arqueológico do Solstício

- 1.1 Descrição: Vestígios arqueológicos.
- 1.2 Perspectiva Decolonial: Exploração de práticas ancestrais.
- 1.3 Recomendações: Projetos de observação e registro.





INTRODUÇÃO

A identidade cultural é um complexo tecido de valores, crenças, práticas, símbolos e modos de vida que não apenas distinguem um povo, mas também o unem, forjando um senso de pertencimento e singularidade. No Amapá, essa construção é particularmente fascinante e multifacetada, refletindo a confluência de um passado profundo, um presente dinâmico e um futuro em constante elaboração. Contudo, para compreender a identidade cultural amapaense, é imperativo despojá-la das lentes eurocêntricas e coloniais que, por muito tempo, tentaram moldá-la ou obscurecê-la.



A decolonialidade é uma abordagem crítica que busca questionar e desmantelar os legados persistentes da colonialidade. Ao contrário da descolonização, que se foca na independência territorial, a decolonialidade enfatiza a necessidade de superar as hierarquias e o eurocentrismo que ainda moldam o pensamento e a vida de povos indígenas, negros e outros sujeitos subalternizados, valorizando e restaurando suas culturas, conhecimentos

A perspectiva decolonial nos permite reconhecer que a identidade não é estática, mas um campo de contestação e reexistência, especialmente em um território que vivenciou intensas dinâmicas coloniais e que pulsa com a presença de diversos povos originários, comunidades quilombolas e ribeirinhas.





A própria concepção da identidade amapaense foi, em muitos momentos, imposta de fora para dentro. O projeto colonial, em sua essência, buscava dismantelar as identidades pré-existentes, impondo uma cultura, uma língua e uma visão de mundo alheias. Essa imposição gerou a "diferença colonial" (MIGNOLO, 2003), não como uma simples distinção entre culturas, mas como uma hierarquia brutal que subalternizou, desqualificou e, em muitos casos, negou a validade das identidades não-europeias.

O eurocentrismo agiu como um filtro epistêmico e cultural, legitimando apenas certas identidades e marginalizando outras, criando um "outro" (SAID, 1990; SPIVAK, 2010) que era constantemente reduzido a estereótipos, visto como primitivo, incivilizado ou, na melhor das hipóteses, como uma versão menor do modelo ocidental. Para as práticas pedagógicas inclusivas em perspectiva decolonial, o objetivo primordial é justamente reverter esse processo de "outramento", valorizando a riqueza das identidades plurais que compõem o Amapá e reconhecendo que a diversidade é sua maior força.



A memória coletiva, por sua vez, é o pilar sobre o qual a identidade cultural se ergue. Ela não é um registro objetivo e passivo do passado, mas uma construção social ativa, influenciada pelas disputas de poder no presente e pelos projetos de futuro. Instituições como museus, arquivos e monumentos são espaços privilegiados para a materialização e transmissão dessa memória.



Em uma perspectiva decolonial, a memória coletiva deve ser compreendida não como um dado imutável, mas como um campo de batalha, onde a disputa pela narrativa do passado é essencial para a afirmação das identidades plurais no presente e para a construção de futuros mais justos e equitativos.

É nesse cenário de complexidade identitária e disputa de memórias que o Produto Educacional **Guia Básico de Museus do Amapá para o Ensino de História em Perspectiva Decolonial emerge como um instrumento crucial para a construção e reavaliação da identidade cultural e da memória coletiva amapaense, a partir de uma abordagem genuinamente descolonizadora.**



Um dos eixos fundamentais do Guia é o reconhecimento e a valorização das identidades locais plurais. Ao incentivar a exploração dos museus do Amapá, o Guia apresenta esses espaços não apenas como repositórios de objetos, mas como ambientes vivos onde as múltiplas identidades culturais da região se manifestam e se entrecruzam.



Esse processo permite que alunos de diversas origens étnico-raciais – sejam eles descendentes de indígenas, quilombolas, ribeirinhos ou migrantes – vejam suas próprias identidades refletidas, reconhecidas e valorizadas, construindo um senso de pertencimento e orgulho. O Guia, portanto, serve como um convite para que a escola legitime e celebre as "diferenças" que o projeto colonial buscou anular, transformando-as em fontes inesgotáveis de conhecimento, sabedoria e autoafirmação.





Simultaneamente ao reconhecimento das identidades plurais, o Guia capacita educadores a orientar alunos na desmascaração da colonialidade na construção da memória. Ele transforma a visita aos museus em um exercício crítico, questionando quais eventos da história do Amapá são priorizados nas exposições e quais são omitidos; quem são os protagonistas e quem são os ausentes; como são representadas as "conquistas" coloniais e se as violências e resistências são consideradas. Essa abordagem transforma a memória coletiva de um registro estático em inspiração para lutas e reexistências do presente.

Resgatar e valorizar essas memórias fortalece identidades culturais resilientes e engajadas, capazes de "vestir sua diferença" como potência transformadora, e não como estigma. Os alunos aprendem que a resistência sempre existiu e que são herdeiros dessa tradição.

Valorizando comunidades que coexistem com a natureza, o Guia evidencia saberes tradicionais (caça, pesca, uso de ervas, construção adaptada), reforçando que a identidade amapaense está ligada à ecologia e aos saberes tradicionais que permitem a vida na região. Museus que apresentam biodiversidade ou histórias da relação dos povos com recursos naturais tornam-se laboratórios vivos para essa compreensão.

A aplicação desse arcabouço nas salas de aula, via Guia, impacta profundamente a concepção dos alunos sobre si e a comunidade. Quando um estudante quilombola vê sua história valorizada, sua autoestima cresce. Quando um indígena percebe o respeito pelos saberes ancestrais, a marginalização diminui. E todos, expostos à diversidade e complexidade identitária, desenvolvem senso crítico e valorização da pluralidade, preparando-se para cidadania consciente e engajada.

Este Guia almeja ser mais que um manual, visa transformar-se em ferramenta para emancipação do pensamento e celebração da diversidade amapaense.

1. Museu Joaquim Caetano de Souza



Avenida Mário Cruz com a Rua Binga Uchôa, número 0376, Centro, Macapá - AP.



1.1 MUSEU HISTÓRICO DO AMAPÁ JOAQUIM CAETANO DA SILVA

1.1 Descrição: Importância histórica e acervo.

Reinaugurado em 2022, representa uma importante referência para quem deseja conhecer a trajetória histórica do estado do Amapá. O espaço abriga um acervo diversificado que contempla desde itens do período pré-colonial e colonial, passando pelo Império do Brasil e a República Velha, até o período do Território Federal do Amapá.

O prédio que abriga o museu é o terceiro mais antigo do estado, fundado há 137 anos, em 15 de novembro de 1895, data que coincide com o sexto aniversário da República. Desde 1948, o local funciona como museu, embora tenha sido fechado em 2014 devido a problemas estruturais. Historicamente, o prédio já sediou a Intendência no período imperial, abrigou a prefeitura de Macapá e também serviu como delegacia.

O museu recebeu o nome do médico e diplomata gaúcho Joaquim Caetano da Silva, autor da obra *L'Oyapoc et L'Amazone* (1861), que serviu de base para a defesa brasileira na questão das fronteiras com a França, consolidada pelo Barão do Rio Branco, em 1900.



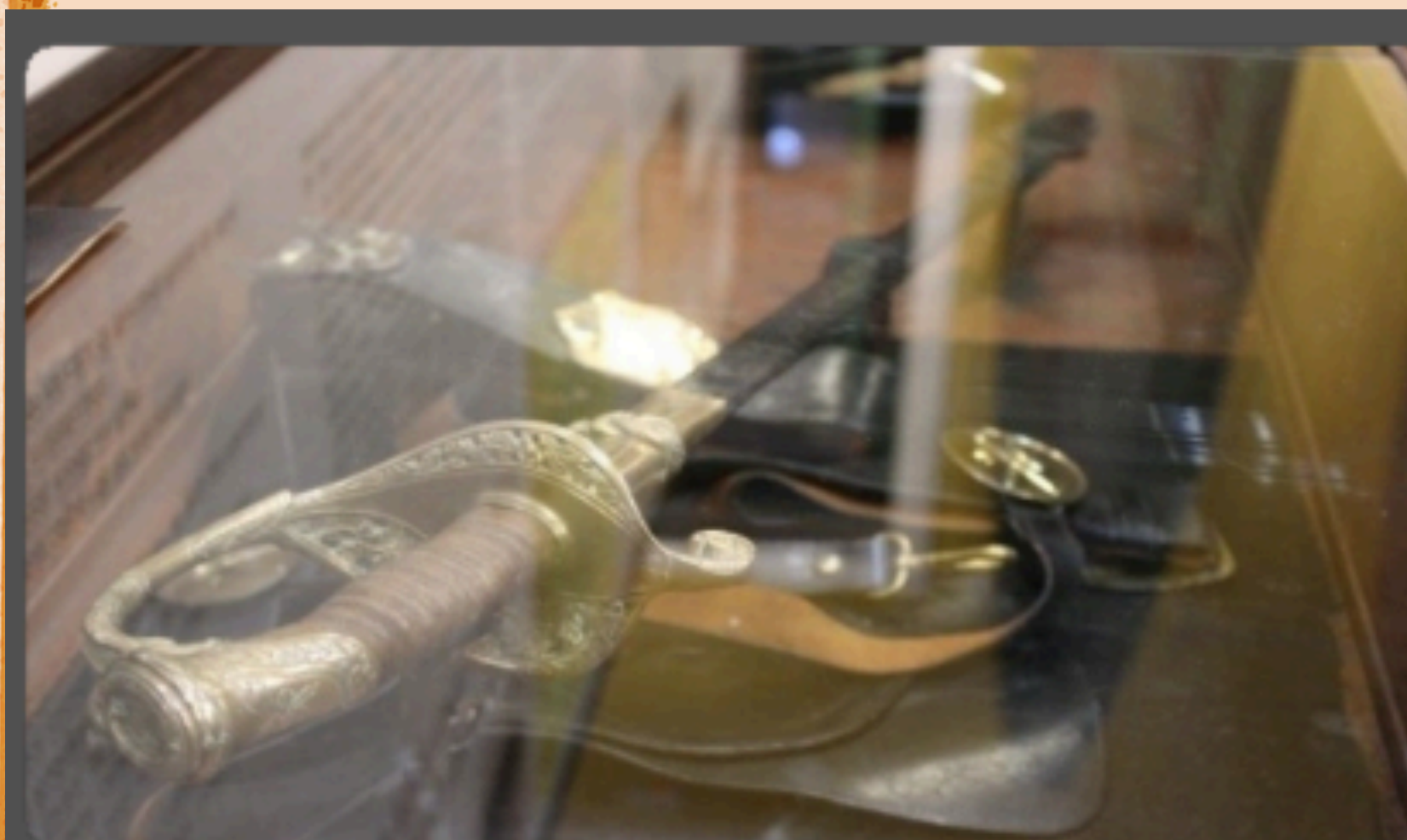
Reprodução / Álbum de Família



e de Francisco Veiga Cabral, conhecido como “Cabralzinho”, que teve papel relevante na defesa da fronteira amapaense.



O acervo do museu inclui fragmentos arqueológicos, objetos históricos da fundação do Amapá, urnas funerárias indígenas, além de objetos pessoais de figuras históricas locais, como o primeiro governador Janary Gentil Nunes



Acervo de Francisco Xavier da Veiga Cabral, o Cabralzinho, no Museu Joaquim Caetano da Silva

Além do acervo, o museu possui uma biblioteca especializada em história do Amapá, com coleções raras, especialmente relacionadas à arqueologia do período pré-colonial, incluindo urnas funerárias dos povos indígenas Maracá e Cunani, provenientes de escavações arqueológicas realizadas no território amapaense.



Urnas funerárias dos povos indígenas Maracá e Cunani encontradas em escavações arqueológicas

ESPAÇO E ACERVO

Maquete do primeiro forte que deu lugar à Fortaleza de São José de Macapá



Painel fotográfico que retrata uma canoa motorizada navegando em águas calmas, com redes, caixas e objetos típicos do dia a dia das populações ribeirinhas. A imagem cria um efeito de profundidade e contexto, sugerindo que a casa está de frente para o rio, um cenário típico da vida amazônica

1.2. Perspectiva Decolonial: Discussão Sobre narrativas indígenas e afro-brasileiras



O Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva, ao reunir objetos e narrativas que abrangem desde os povos indígenas originais até os processos políticos e sociais contemporâneos, oferece um espaço privilegiado para que o visitante reflita sobre as múltiplas camadas que compõem a identidade cultural do estado. A partir de uma leitura crítica em perspectiva decolonial, é possível questionar as narrativas hegemônicas que tradicionalmente marcaram a história regional, dando voz às comunidades originárias, quilombolas e ribeirinhas, cujos saberes e resistências são fundamentais para uma compreensão plural e justa do passado e do presente amapaense.

Sob uma perspectiva decolonial, o Museu Histórico Joaquim Caetano emerge como um campo fértil para a problematização e reconfiguração das narrativas históricas dominantes. Ao se deparar com seu acervo, é imperativo que o olhar decolonial questione como as vozes e as experiências dos povos originários e das comunidades afro-amapaenses (quilombolas e de matriz africana) são representadas — ou silenciadas — em suas exposições permanentes.

É possível, por exemplo, analisar a presença de artefatos indígenas. Eles são apresentados como testemunhos de culturas vivas e dinâmicas, ou são enquadrados em uma ótica que os remete a um passado distante e "primitivo"? A colonialidade do saber muitas vezes transformou objetos de uso cotidiano ou ritualístico em meras "curiosidades" ou "evidências de um atraso civilizatório", desconsiderando suas complexas cosmologias, sistemas sociais e epistemologias (MIGNOLO, 2003). A lente decolonial, portanto, nos convida a inquirir: como o museu pode ressignificar esses objetos, valorizando as resistências, as agências e os saberes ancestrais que eles encerram?



A história afro-brasileira no Amapá foi marcada pela escravidão, mas também por lutas por liberdade, pela formação de quilombos e pela resistência de comunidades que mantiveram vivas suas tradições. Nesse sentido, é importante perguntar: as exposições apresentam os sujeitos escravizados como agentes de resistência e conquista de direitos, ou ainda reforçam a abolição como um ato de benevolência externa, apagando as lutas internas?

A perspectiva decolonial busca justamente evidenciar os “silêncios históricos” (TROUILLOT, 1995) e as “sociologias das ausências” (SOUSA SANTOS, 2007), além de revelar como processos de “outramento” (SAID, 1990; SPIVAK, 2010) aparecem na curadoria. O Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva, ao mesmo tempo em que pode reproduzir essas lógicas coloniais, também tem potencial para desconstruí-las, ao valorizar memórias marginalizadas e promover múltiplas perspectivas.



1.3 Recomendações: Debates Sobre Representação Cultural

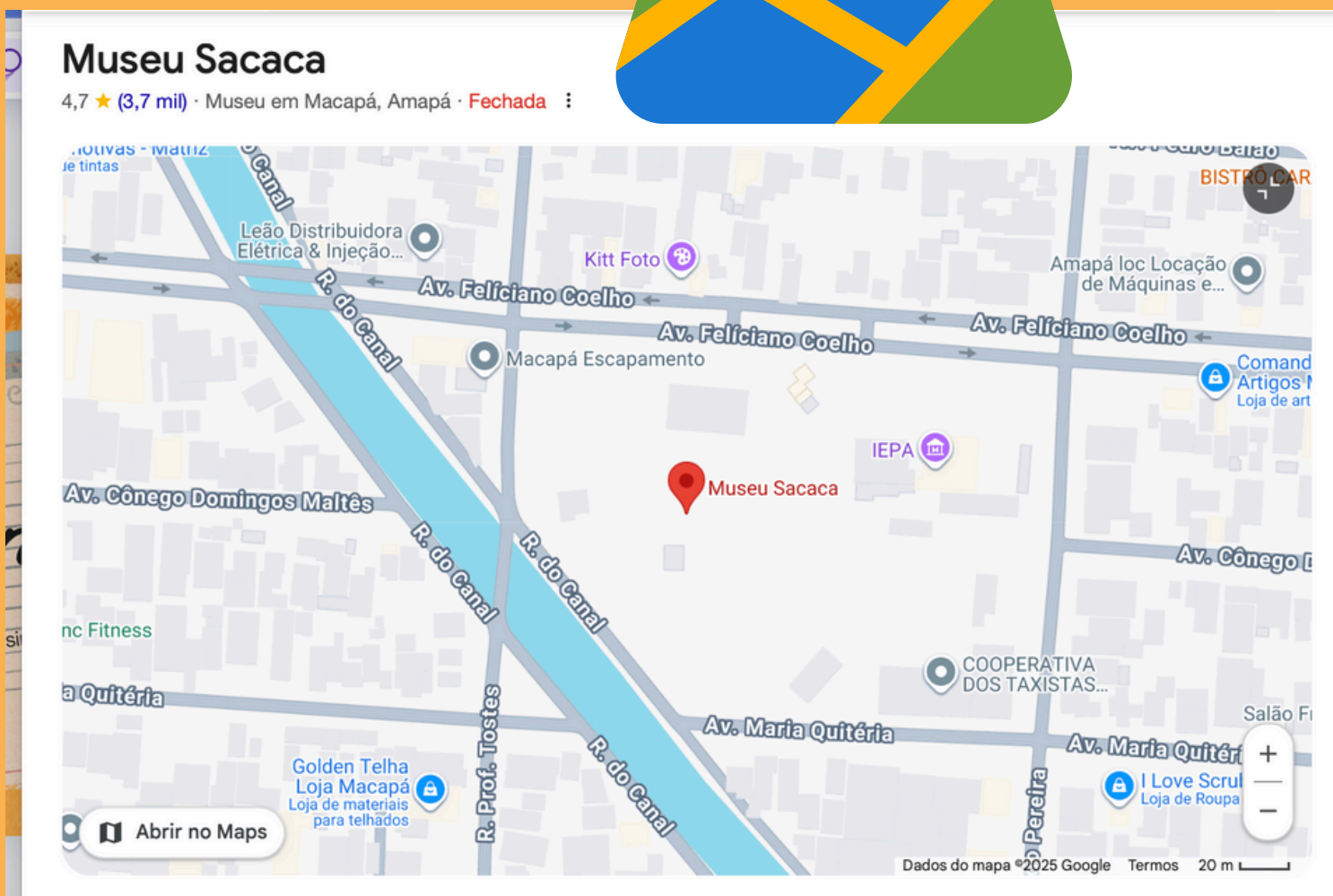
Para isso, as visitas precisam ser pensadas como experiências formativas, que incentivem questões como: “Quem conta esta história?”, “Quais vozes foram silenciadas?” e “Como incluir as histórias de povos indígenas, afro-amapaenses e outros sujeitos historicamente marginalizados?”.

Atividades como rodas de conversa mediadas por professores e agentes culturais, oficinas de narrativas alternativas e projetos de pesquisa baseados em relatos orais, tradições locais, mitologias indígenas e memórias comunitárias podem ampliar esse olhar.

Tais práticas, alinhadas ao Guia Básico de Museus do Amapá para o Ensino de História em Perspectiva Decolonial, fortalecem uma consciência histórica crítica e plural. Dessa forma, o museu deixa de ser apenas um espaço de contemplação e passa a ser também um lugar de disputa e reconstrução das memórias sociais.



2. Museu Sacaca



Av. Feliciano Coelho, 1509 - Trem, Macapá - AP, 68901-025

<http://www.museusacaca.ap.gov.br>



2. MUSEU SACACA

2.1 DESCRIÇÃO: CULTURA POPULAR E BIODIVERSIDADE

O Museu Sacaca, oficialmente denominado Centro de Pesquisas Museológicas Museu Sacaca, é uma das mais significativas instituições culturais do estado do Amapá, articulando saberes científicos e populares por meio da valorização da biodiversidade e das culturas tradicionais amazônicas.

Histórico Institucional

A trajetória do museu remonta às décadas de 1970 e 1980, com a fusão de duas instituições preexistentes: o Museu de História Natural Ângelo Moreira da Costa Lima e o Museu de Plantas Medicinais Waldomiro Gomes. Sua inauguração oficial ocorreu em 10 de abril de 1997, inicialmente sob a denominação de “Museu do IEPA”, vinculado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA).



Em 1999, foi rebatizado como Museu Sacaca de Desenvolvimento Sustentável, em homenagem a Raimundo dos Santos Souza (1926–1999), conhecido como Mestre Sacaca, curandeiro tradicional e profundo conhecedor das práticas da medicina natural e da cultura popular amazônica. Com a reformulação de seu estatuto, o museu foi reinaugurado em 2002 com seu nome atual.



Possui uma proposta arquitetônica e paisagística que dialoga harmonicamente com o ambiente amazônico. Sua estrutura em madeira, com telhado de palha e paredes claras, está inserida em um jardim de plantas nativas, compondo um espaço que convida à contemplação e ao aprendizado.



Uma placa visível, indicando o início da jornada cultural que aguarda os visitantes.



O MUSEU É CONHECIDO POR SEU CIRCUITO EXPOSITIVO AO AR LIVRE, QUE INCLUI RÉPLICAS DE HABITAÇÕES TRADICIONAIS, COMO A CASA DOS WAIÃPI E A CASA DOS RIBEIRINHOS. CAMINHOS DE MADEIRA SERPENTEIAM POR ENTRE AS CONSTRUÇÕES, PERMITINDO AOS VISITANTES UMA IMERSÃO NAS DIVERSAS CULTURAS AMAZÔNICAS.

No interior do museu, uma das exposições centrais reúne artefatos indígenas — cestos trançados, cerâmicas decoradas, arcos, flechas e adornos corporais. Essas peças são expostas de modo a respeitar seu valor simbólico, acompanhadas de painéis explicativos que situam historicamente e culturalmente seus significados. A curadoria valoriza não apenas o objeto, mas os modos de vida e as cosmologias dos povos originários, promovendo uma museologia engajada na afirmação identitária.

Destaca-se, ainda, a recriação de uma oca indígena, estrutura tradicional de moradia construída com materiais naturais. Ao adentrar esse espaço, o visitante se depara com redes, utensílios domésticos, instrumentos musicais e pinturas murais que ilustram elementos da cosmovisão amazônica. Trata-se de uma experiência imersiva e sensorial que permite o contato direto com aspectos da vida cotidiana de comunidades indígenas.





Por fim, o museu dispõe de um espaço destinado a atividades educativas e oficinas, voltado ao público de todas as idades. Nele, ocorrem ações como pintura, artesanato, contação de histórias e rodas de conversa. Os murais coloridos retratam cenas do cotidiano amazônico, criando um ambiente acolhedor que reforça o papel do Museu Sacaca como um centro vivo de produção e circulação de saberes, onde as tradições populares e indígenas são não apenas preservadas, mas também reinventadas pelas novas gerações



2.2 Perspectiva Decolonial: Valorização das Culturas Marginalizadas

O Museu Sacaca constitui uma experiência de museologia voltada à valorização de saberes tradicionais e culturas historicamente marginalizadas. Em contraste com a lógica eurocêntrica dominante, coloca no centro povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e outros sujeitos invisibilizados. Inspirada em uma perspectiva decolonial, sua proposta reconhece, como defende Walsh (2009), a necessidade de descolonizar o saber, legitimando conhecimentos ancestrais, espirituais e comunitários. Nesse processo, rompe com a colonialidade do saber (QUIJANO, 2005) ao incorporar mestres da floresta, parteiras, benzedeiras e líderes comunitários como produtores de conhecimento. Essa valorização aparece tanto nas exposições quanto nas ações educativas, como na oca indígena, que expressa cosmologias amazônicas, e no jardim botânico, que articula biodiversidade e etnobotânica, evidenciando a eficácia dos saberes tradicionais.



A experiência educativa do Museu Sacaca inspira práticas pedagógicas em que os próprios estudantes criem exposições a partir de saberes tradicionais e identidades locais. Essa proposta adota uma perspectiva decolonial ao transformar o aluno em produtor de conhecimento, valorizando epistemologias de seu território.

Projetos interdisciplinares podem articular história, ciências, geografia, artes e literatura na investigação de plantas medicinais, festas, ofícios, memórias orais, rituais indígenas e práticas afro-brasileiras. Os resultados, convertidos em diferentes linguagens, culminam em exposições abertas à comunidade. Tais ações dialogam com a pedagogia freireana (FREIRE, 1996), que propõe uma educação contextualizada e problematizadora, e fortalecem uma museologia escolar crítica, capaz de instituir espaços alternativos de memória.



2.3 Recomendações: Atividades de Criação de Exposições

O Museu Sacaca possibilita aos estudantes vivenciar processos curatoriais, a escuta comunitária e o respeito a saberes plurais. Como afirmam Chagas e Gouvêa (2014), a educação museal deve ser ferramenta de transformação social. Ao tornar os alunos curadores de suas próprias histórias, fortalecem-se os vínculos entre escola, museu e comunidade, superando a colonialidade do saber e formando sujeitos críticos e criativos.

Ao estimular os alunos a tornarem-se curadores de suas próprias histórias, promove-se uma educação patrimonial engajada e transformadora.

3. Museu da Fortaleza de São José de Macapá - Patrimônio Militar e Cultural da Amazônia

A Fortaleza de São José de Macapá, um dos principais marcos históricos do Amapá, foi construída entre 1764 e 1782 durante o reinado de D. José I, com orientação do Marquês de Pombal. Projetada pelo engenheiro militar Henrique Antônio Gallúcio, a edificação seguiu o modelo de fortificação Vauban, caracterizado pela planta em estrela com quatro baluartes pentagonais que homenageiam santos católicos: São José, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro e Madre de Deus.



R. Cândido Mendes, 1611 - Central, Macapá - AP, 68900-100



museufortaleza
Museu Fortaleza de São José de Macapá
1,682 followers
359 posts



3.1 Descrição: História militar e colonial.

Sua construção contou com o trabalho forçado de indígenas e pessoas negras escravizadas, o que evidencia não apenas a dimensão militar do empreendimento, mas também sua inserção em um contexto de dominação colonial e exploração de corpos subalternizados. A fortaleza tinha como principal objetivo defender a foz do Rio Amazonas de possíveis invasões estrangeiras, especialmente francesas oriundas da Guiana, consolidando a presença lusitana na região amazônica.

Apesar da grandiosidade arquitetônica — com muralhas de até oito metros, casamatas, fosso seco, revelim, quartéis e capela —,



a fortificação jamais foi palco de combates efetivos, tendo sido utilizada apenas para treinamentos. Ao longo dos séculos, cumpriu diversas funções: guarnição militar, prisão pública e até hospedagem provisória para migrantes. Em 1950, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, em 2007, transformada oficialmente em museu sob a gestão da Secretaria de Estado da Cultura do Amapá (Secult).

O museu representa um espaço para a problematização narrativas hegemônicas da colonização. Por meio de visitas mediadas e de práticas educativas críticas, o espaço pode contribuir significativamente para desnaturalizar os discursos glorificadores da colonização, reconhecendo as experiências de resistência indígena e negra que foram historicamente silenciadas. Assim, o museu deixa de ser apenas um símbolo de poder colonial e passa a desempenhar um papel pedagógico transformador na formação cidadã e histórica dos alunos.

Hoje, a Fortaleza de São José integra a lista indicativa de bens a serem reconhecidos como Patrimônio Mundial pela UNESCO. Seu acervo museológico está distribuído nas dependências internas da fortificação — como as antigas casamatas, o paiol da pólvora e o hospital militar —, abrigando exposições sobre a história colônia, a ocupação da Amazônia e as relações entre o Estado português e os povos locais.



Parte interna da Fortaleza de São José de Macapá

3.2 Perspectiva Decolonial: Conflitos coloniais

A Fortaleza de São José de Macapá, construída no século XVIII pelos colonizadores portugueses com mão de obra indígena e negra submetida a condições de exploração e violência, representa não apenas uma estrutura de defesa militar, mas também um marco da imposição do projeto colonial europeu na Amazônia. A utilização forçada de trabalhadores indígenas e africanos revela a face opressiva do empreendimento, sustentado sobre o sofrimento e a coerção dos povos originários (REPOSITARIO.UFC.BR; MUSEUEXEA.ORG; UTOPIANEGRA.ORG).

Sob uma leitura decolonial, o monumento se configura como um território de disputa de memórias: de um lado, os discursos institucionais que celebram a engenharia militar e a fundação de Macapá como símbolo da civilização europeia; de outro, as vozes indígenas, afrodescendentes e locais que denunciam a violência fundadora do colonialismo e reivindicam o reconhecimento de suas histórias e saberes (UTOPIANEGRA.ORG; PORTAL.AP.GOV.BR).

As ações educativas podem incluir rodas de conversa, exposições escolares e oficinas com comunidades, de modo a incorporar memórias invisibilizadas e valorizar o protagonismo de povos indígenas e afro-amapaenses, transformando o museu de relicário colonial em patrimônio vivo e plural.

Em sintonia com o Guia Básico de Museus do Amapá para o Ensino de História em Perspectiva Decolonial, a Fortaleza de São José pode ser utilizada em visitas guiadas críticas, produções artísticas e projetos interdisciplinares que questionem o colonialismo e afirmem as memórias subalternizadas.

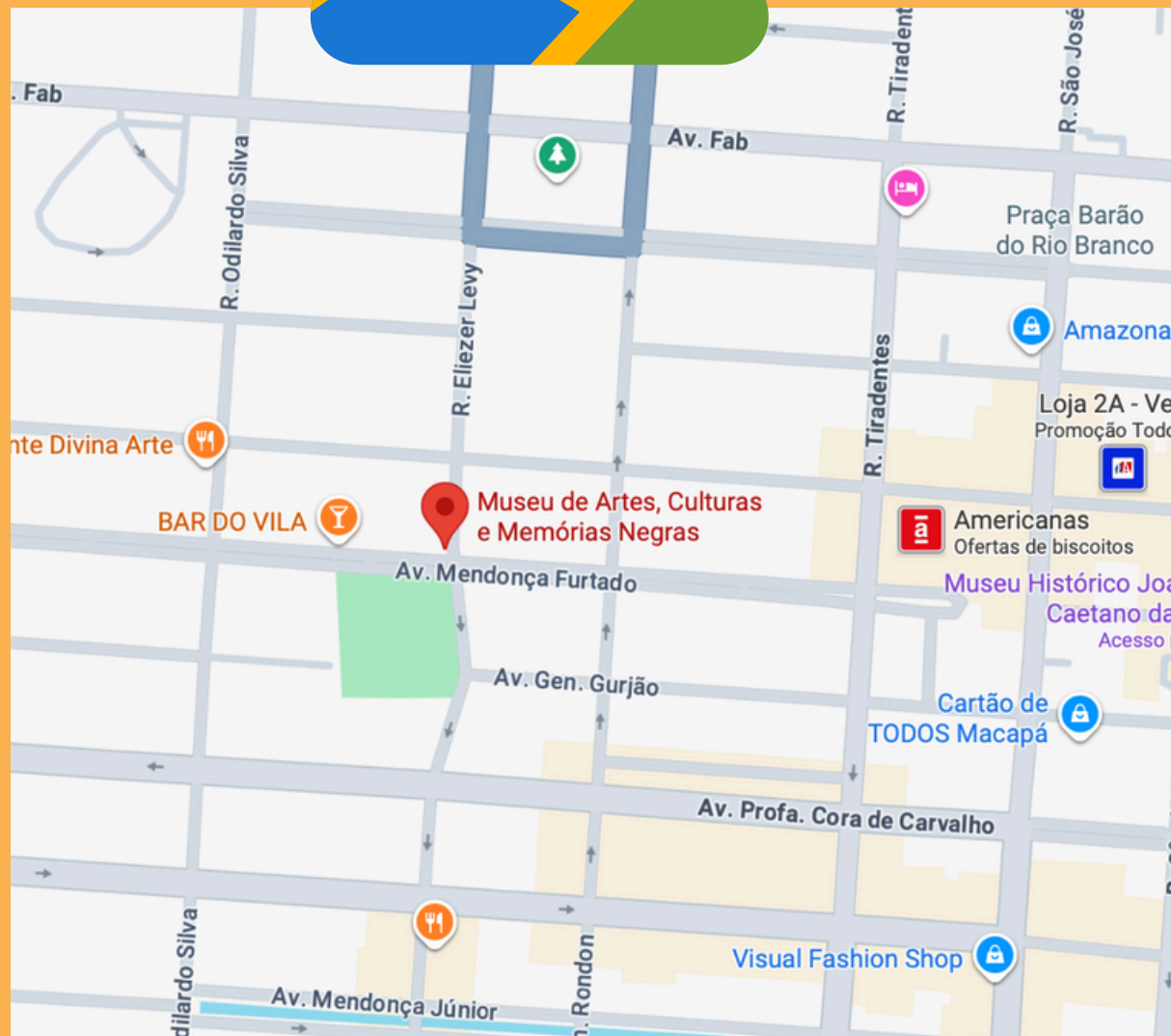
3.3 Recomendações: Simulações de Debates Históricos

Para explorar de forma crítica os significados da Fortaleza de São José, recomenda-se o uso de simulações de debates históricos como estratégia pedagógica alinhada a práticas decoloniais. Ao assumir papéis de diferentes sujeitos — colonizadores, líderes indígenas, soldados, missionários, trabalhadores escravizados ou moradores da vila —, os estudantes ampliam a compreensão dos múltiplos pontos de vista que marcaram o processo de ocupação colonial da Amazônia.

Essas simulações podem ocorrer como assembleias fictícias, conselhos militares, negociações diplomáticas ou confrontos narrativos entre grupos sociais da época. Para construir seus argumentos, os alunos utilizam fontes históricas e registros diversos, exercitando a empatia histórica, conceito defendido por Rüsen (2001), que consiste em compreender o outro em seu tempo e contexto, evitando anacronismos ou julgamentos.

Além de estimular o pensamento crítico, a prática valoriza narrativas subalternizadas, dando voz a indígenas e afrodescendentes frequentemente silenciados nos discursos oficiais. Em consonância com o Guia Básico de Museus do Amapá para o Ensino de História em Perspectiva Decolonial, a proposta transforma a Fortaleza em espaço de memória viva, onde conflitos e resistências são revisitados, contribuindo para a formação de uma consciência histórica crítica, plural e democrática.

4. Museu de Artes, Culturas e Memórias Negras



R. Eliezer Levy, Av. Mendonça Furtado - Central, Macapá - AP,

4.1 Descrição: Valorização da cultura afro-brasileira.

O Museu de Artes, Culturas e Memórias Negras de Macapá constitui o primeiro espaço cultural permanente da capital amapaense dedicado exclusivamente à história, à arte e às identidades da população negra local. Inaugurado em junho de 2025 pela Prefeitura de Macapá e coordenado pelo Instituto Municipal de Promoção da Igualdade Racial (IMPROIR).

O museu abriga um acervo plural e dinâmico, que compreende esculturas africanas, fotografias históricas, cerâmicas quilombolas, objetos do cotidiano, obras de arte contemporânea e publicações de autores negros do Amapá — entre eles, destaca-se a escritora Negra Áurea.



Em uma cidade onde cerca de 76% da população se autodeclara preta ou parda, conforme dados do Censo 2022 (IBGE), a criação do Museu de Artes, Culturas e Memórias Negras constitui um marco simbólico e político de reconhecimento das contribuições negras na formação da sociedade amapaense. Ao promover o orgulho étnico-racial, o pertencimento cultural e a valorização das heranças afro-brasileiras, o museu fortalece uma educação voltada para a equidade racial e o enfrentamento ao racismo estrutural.



MUSEU DE ARTES, CULTURAS E MEMÓRIAS NEGRAS



Mais do que um espaço de exposição, o museu é concebido como um território de memória e resistência, fruto de processos colaborativos que envolveram lideranças negras, artistas, mestres da cultura tradicional e representantes de comunidades quilombolas. Essa construção coletiva garante ao espaço uma dimensão inclusiva, representativa e conectada às demandas históricas por visibilidade e reparação.

O museu conta com três salas expositivas: uma permanente, uma temporária e uma temática dedicada ao Marabaixo, manifestação cultural de matriz afro-amapaense de forte valor identitário. Complementa a estrutura uma sala literária que abriga um acervo de literatura negra, funcionando também como espaço de leitura, debates e lançamentos de livros.



4.2 Perspectiva Decolonial: Luta por direitos e resistência cultural.

O museu constitui uma forma de resistência epistemológica frente à hegemonia eurocentrada. Ao colocar no centro as experiências afro-amapaenses, rompe com a museologia tradicional que historicamente silenciou e exotizou populações negras, configurando-se como prática decolonial de valorização de identidades marginalizadas.

Permite que a população negra assuma o protagonismo de sua narrativa histórica, superando a tutela institucional e a representação branca sobre o outro.

Mais que um arquivo neutro, o Museu funciona como território de escuta ativa, onde práticas religiosas de matriz africana, saberes tradicionais, artes contemporâneas e histórias de resistência são legitimados como conhecimento. Essa perspectiva dialoga com Quijano (2005), ao problematizar a colonialidade do saber e do poder, e com Ribeiro (2017), ao reivindicar a centralidade de vozes negras e femininas na produção de conhecimento.





4.3 Recomendações: Oficinas de arte e apresentações artísticas.

Para promover uma abordagem decolonial no Museu de Artes, Culturas e Memórias Negras do Amapá, recomenda-se desenvolver atividades pedagógicas afrocentradas que valorizem os saberes, experiências e protagonismos da população negra local, estimulando a participação ativa dos estudantes.

Entre as propostas estão oficinas de narrativas negras, em que os alunos pesquisam histórias de lideranças quilombolas, artistas afro-amapaenses e praticantes de religiões de matriz africana, produzindo vídeos, cordéis, murais, grafites ou peças de teatro que fortaleçam seu protagonismo e reconheçam contribuições históricas.

Complementarmente, podem ser criados laboratórios de oralidade e ancestralidade, com músicas, contação de histórias, danças tradicionais e uso de fontes contra-hegemônicas, como documentos quilombolas e o Marabaixo, valorizando práticas culturais afrodescendentes. Essas ações promovem autoestima étnico-racial, conectam os estudantes às raízes africanas do território e incentivam a problematização das narrativas oficiais e das relações entre racismo estrutural e colonialidade.



5. Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá

Rua São José, 1500-A, Centro, Macapá-AP



O Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá, sob gestão da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), constitui um importante espaço de preservação e valorização da diversidade cultural e histórica do estado. Instalado em Macapá, o museu tem como missão salvaguardar, estudar e difundir os saberes e práticas das sociedades que habitaram — e ainda habitam — o território amapaense, articulando memórias indígenas, afrodescendentes, urbanas e ribeirinhas por meio de um acervo rico e multifacetado (Secult, 2024).



Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá

Dados geraisTipo da instituiçãoClássico/TradicionalTemática da...

Visite Museus /

5.1 Descrição: Acervo de culturas diversas.

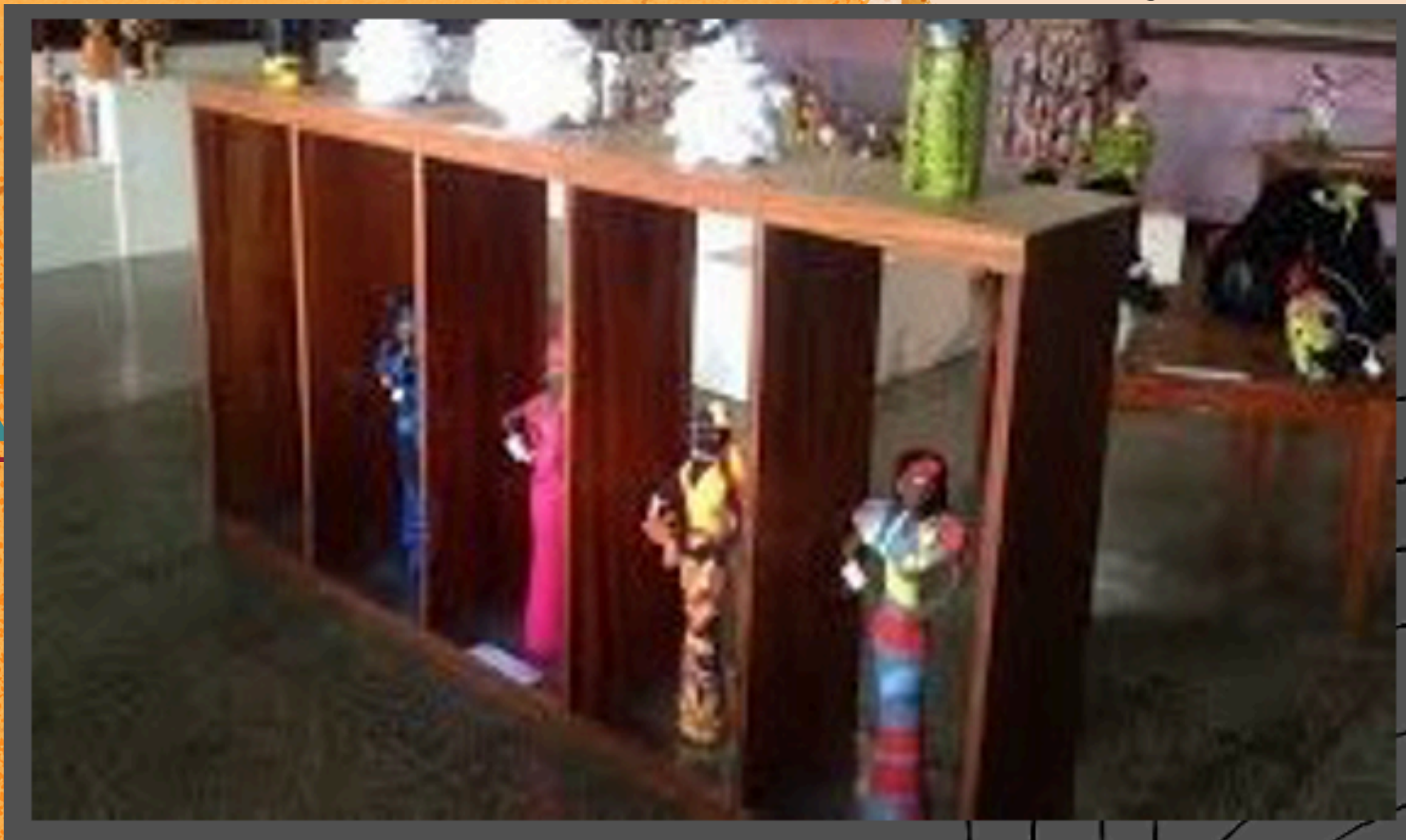
Entre os principais destaques do acervo encontram-se as peças arqueológicas das culturas Maracá e Cunani, que incluem cerca de 50 artefatos cuidadosamente catalogados, como urnas funerárias antropomorfas, vasos cerâmicos, fragmentos de panelas, objetos decorados com grafismos simbólicos e ferramentas de uso cotidiano. Esses materiais, datados entre os séculos XVIII e XIX, foram encontrados em sítios arqueológicos do interior do estado e reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial do Amapá, evidenciando a complexidade simbólica e tecnológica dos povos originários da região (Equinócio Play, 2024; Amapá.gov.br, 2024).

Além do núcleo arqueológico, o museu também abriga uma exposição fotográfica histórica que documenta as transformações urbanas, políticas e sociais de Macapá ao longo do século XX. Imagens de ruas, festas populares, construções emblemáticas e figuras históricas compõem uma narrativa visual que permite refletir sobre a modernização da capital e os impactos do crescimento urbano sobre diferentes comunidades, especialmente aquelas marginalizadas nos processos decisórios (Diário do Amapá, 2023; Secult, 2024).



Espaço interno de exposição – Mesas e vitrines com urnas antropomorfas, cerâmicas e artefatos dos povos indígenas Maracá e Cunani, realçando valores estéticos e simbólicos

Uma das iniciativas mais relevantes do museu é o projeto “Museu na Escola”, que promove ações educativas voltadas a estudantes da rede pública. Por meio de visitas guiadas, rodas de conversa e oficinas, o projeto busca aproximar a comunidade escolar do patrimônio arqueológico e etnológico local, incentivando o pertencimento, a valorização das heranças culturais e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o passado (Visite Museus, 2023; Amapá.gov.br, 2024)

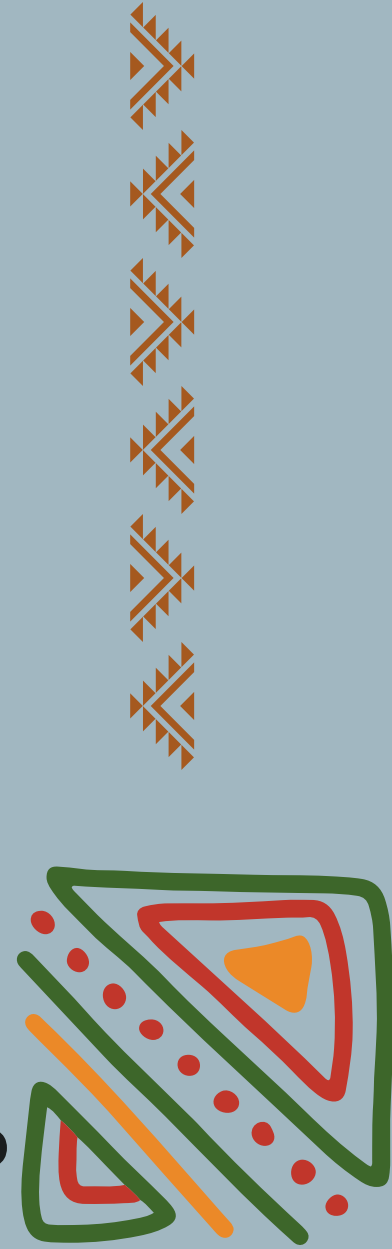


Sala de exposições com vitrines – Fotografias históricas de Macapá e objetos culturais que ilustram mudanças urbanas e sociais

O museu permite que professores e alunos compreendam os processos históricos a partir de uma perspectiva territorializada, plural e não linear. Ao articular arqueologia, etnologia e práticas educativas, o espaço contribui para a formação de cidadãos mais conscientes de sua identidade e memória coletiva.

5.2 Perspectiva Decolonial: Estudo das culturas indígenas.

A abordagem decolonial do Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá valoriza as culturas indígenas como núcleos formadores da identidade regional. Ao expor urnas funerárias, cerâmicas e grafismos das culturas Maracá e Cunani, desloca o olhar que limitava os povos originários a um passado arqueológico, reafirmando sua relevância presente. Esse gesto enfrenta a colonialidade do saber (Mignolo, 2003) e dialoga com a proposta de interculturalidade crítica (Walsh, 2009), ao legitimar saberes ancestrais como formas potentes de conhecimento. Mais que repositório de relíquias, o museu se torna espaço de insurgência epistêmica, onde os povos indígenas são reconhecidos como sujeitos vivos e agentes de transformação social e ambiental.

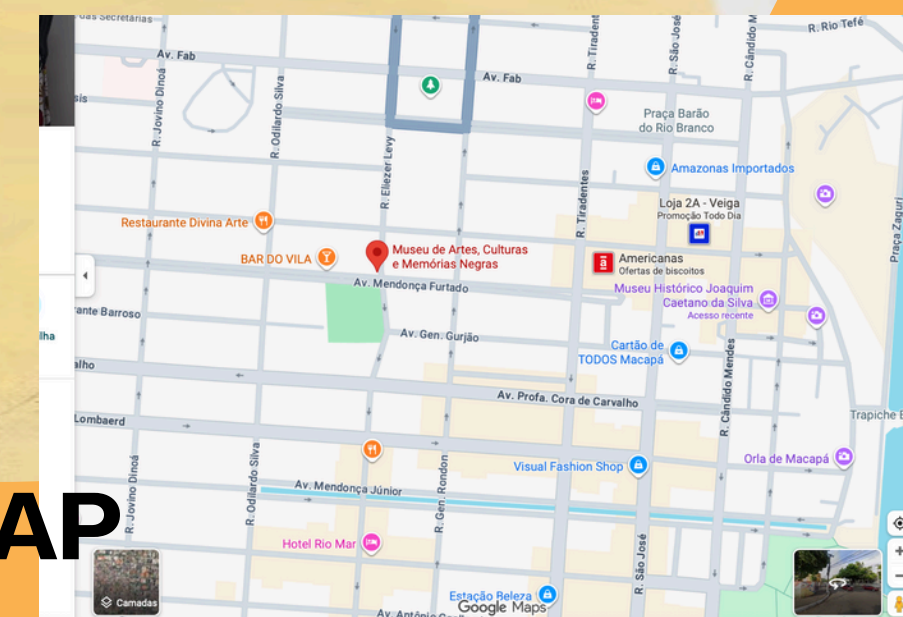
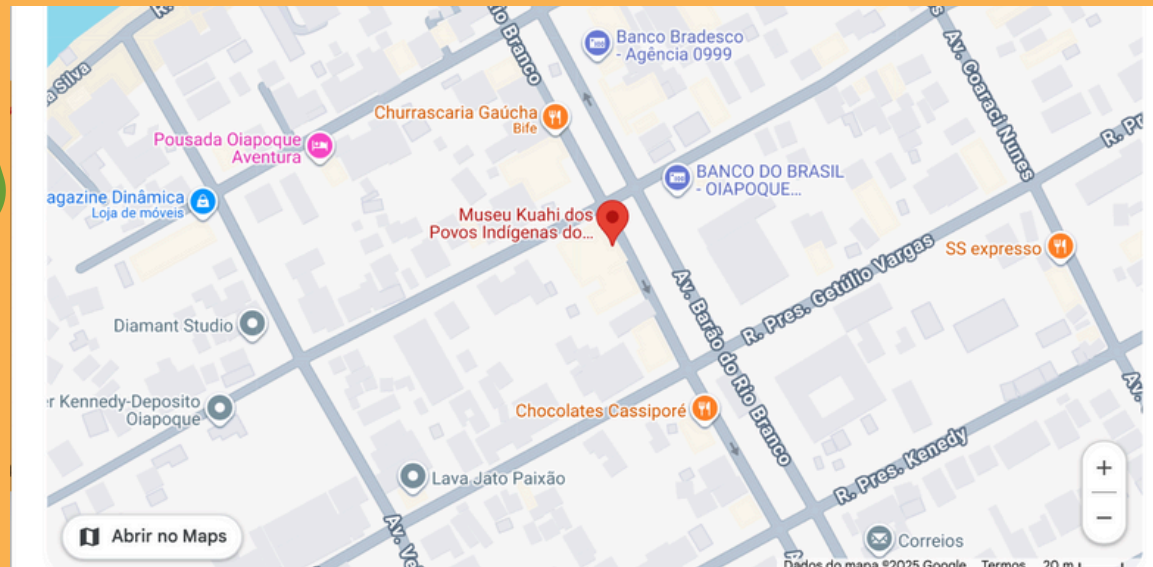


Nesse horizonte, o espaço museológico pode articular práticas educativas que aproximem os estudantes das culturas indígenas em sua dimensão viva e formadora. Oficinas de grafismos inspirados nas cerâmicas Maracá e Cunani, rodas de escuta com lideranças locais, laboratórios de arqueologia simulada e cartografias decoloniais são estratégias que estimulam a criatividade e favorecem o diálogo entre diferentes formas de conhecimento. Ao mesmo tempo, a produção de murais, vídeos, podcasts ou exposições escolares colaborativas permite que os alunos transformem em expressão artística o reconhecimento das culturas originárias como parte essencial da história e da identidade amapaense.



6. Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Amapá

<https://museukuahi.com.br>



Endereço: Av. Barão do Rio Branco, n 160 - Centro, Oiapoque - AP

6.1 Descrição: Cultura e história indígena.

•

O Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque representa uma iniciativa exemplar de museologia indígena no Brasil, fundamentada no protagonismo político e cultural dos povos originários do extremo norte do Amapá. Sua criação decorreu de uma demanda legítima das etnias Karipuna, Galibi Marworno, Galibi Kali'na e Palikur-Arukwayene, que reivindicaram, desde os anos 1990, um espaço próprio para salvaguardar, celebrar e transmitir suas memórias, línguas, práticas espirituais e conhecimentos tradicionais. A inauguração do museu em 2007 concretizou um processo participativo e autônomo, marcando um novo paradigma na relação entre museus e comunidades indígenas.



Localizado estrategicamente às margens do rio Oiapoque, o Museu Kuahí articula pesquisa, memória e educação a partir de uma lógica comunitária e decolonial. Sua requalificação em 2025 reafirmou esse compromisso, ao reintegrar ao seu acervo mais de 450 peças etnográficas e arqueológicas, agora digitalizadas na plataforma Tainacan, tornando-se o primeiro museu indígena do país com acervo online acessível ao público. Esse feito não apenas democratiza o acesso ao conhecimento, mas também reafirma a soberania informacional dos povos indígenas sobre seus próprios registros culturais.



A estrutura do museu contempla quatro salas de exposição permanente, biblioteca, auditório para exposições artísticas e audiovisuais, loja de artesanatos, uma maloca tradicional, redário e espaço pedagógico, configurando-se como um verdadeiro centro de cultura viva. O nome “Kuahí” — que em uma das línguas indígenas locais designa o peixe pacu, além de evocar grafismos tradicionais — simboliza a ancestralidade, a circularidade do tempo e a continuidade dos saberes coletivos. A escolha do nome é, portanto, um ato político de afirmação identitária e resistência cultural. Diferentemente de museus convencionais, o Kuahí é gerido integralmente pelos próprios povos indígenas, o que o torna não apenas um espaço expositivo, mas um território simbólico e político.

Fachada revitalizada do Museu Kuahí em Oiapoque, com pintura vibrante e forma arquitetônica contemporânea.

O museu ressignifica a noção de patrimônio cultural ao reposicionar os sujeitos indígenas como narradores de suas histórias e guardiões de seus saberes. Nesse sentido, atua como instrumento de fortalecimento das identidades étnicas, de combate ao apagamento cultural e de promoção do diálogo intercultural, especialmente com o público escolar e acadêmico.

Esta imagem exibe uma exposição com elementos culturais e artísticos. No centro, há uma vitrine ou plataforma preta sobre um pedestal claro, onde estão dispostas várias peças têxteis coloridas, algumas com padrões listrados e outras com decorações que parecem ser sementes ou pequenas contas.



6.2 Perspectiva Decolonial: Valorização da voz indígena.

Por meio da valorização das línguas nativas, da salvaguarda de práticas artísticas tradicionais e da promoção de atividades educativas com enfoque intercultural, o Museu Kuahí constitui um marco na museologia social brasileira e um potente exemplo de resistência à colonialidade. Sua existência materializa a luta histórica dos povos indígenas por autodeterminação cultural e pela construção de um outro modelo de museu: não como vitrine exótica, mas como território de memória viva e luta coletiva.

O Museu Kuawi, gerido pelos próprios povos indígenas, vai além da função expositiva: constitui um território simbólico e político de resistência. Ao colocar os indígenas como narradores de suas histórias e guardiões de seus saberes, o espaço rompe com a lógica colonial que os reduzia a objetos etnográficos, afirmando-os como sujeitos históricos e epistêmicos. Nesse sentido, atua no fortalecimento identitário, no combate ao apagamento cultural e na promoção do diálogo intercultural.

Essa perspectiva se alinha à decolonialidade defendida por Mignolo (2017), entendida como desobediência epistemológica ao modelo moderno/colonial. A participação ativa dos indígenas na curadoria, mediação cultural e produção de conhecimento reflete esse princípio, ampliado pela visão de Benjamin (2012), segundo a qual reescrever a história implica ouvir as vozes silenciadas. O Kuawi, portanto, não apenas expõe objetos, mas articula oralidade, espiritualidade, memória e território como dimensões vivas da museologia.

6.3 Recomendações: Encontros com líderes indígenas.

Como desdobramento das práticas decoloniais no ensino de História, a realização de encontros com lideranças indígenas constitui estratégia central de escuta ativa e valorização das epistemologias originárias. Esses sujeitos, ao ocuparem espaços escolares e museológicos, rompem com a lógica unilateral da exposição e instauram um campo de diálogo que desafia a hierarquia tradicional do saber. Para Walsh (2009), uma pedagogia decolonial exige a escuta radical das vozes historicamente silenciadas e a legitimação de seus conhecimentos em suas próprias linguagens.



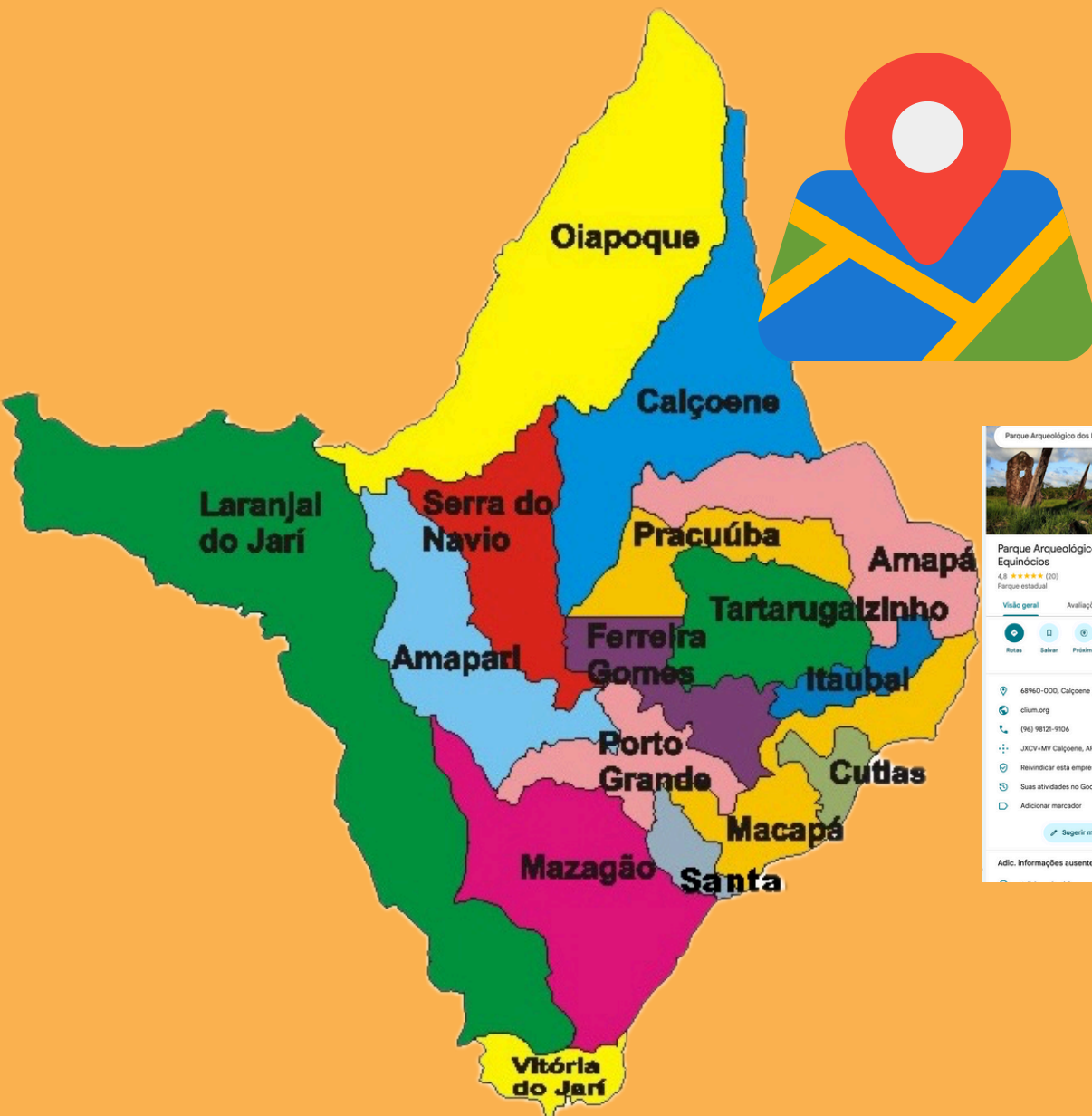
Essas atividades podem assumir diferentes formatos — rodas de conversa, oficinas de saberes tradicionais, relatos orais, práticas de pintura corporal, grafismo, culinária ancestral e contação de histórias — desde que orientadas por respeito, horizontalidade e reconhecimento mútuo, conforme defende Freire (1996). No Amapá, o Museu Kuawi já atua como território de aprendizagem intercultural ao valorizar etnias como Karipuna, Palikur, Galibi-Marworno, Galibi-Kalina e Waiãpi, reafirmando o direito à memória como ato ético (Ricoeur, 2007).



No campo curricular, tais práticas podem ser articuladas com a BNCC em áreas como História, Geografia, Ciências e Língua Portuguesa, favorecendo interdisciplinaridade e contextualização crítica. Ao abordar temas como luta pela terra, direitos indígenas, práticas sustentáveis e oralidade como tecnologia do conhecimento, essas experiências contribuem para desconstruir estereótipos e revelar a atualidade, diversidade e protagonismo político dos povos indígenas.



7. PARQUE ARQUEOLÓGICO DO SOLSTÍCIO

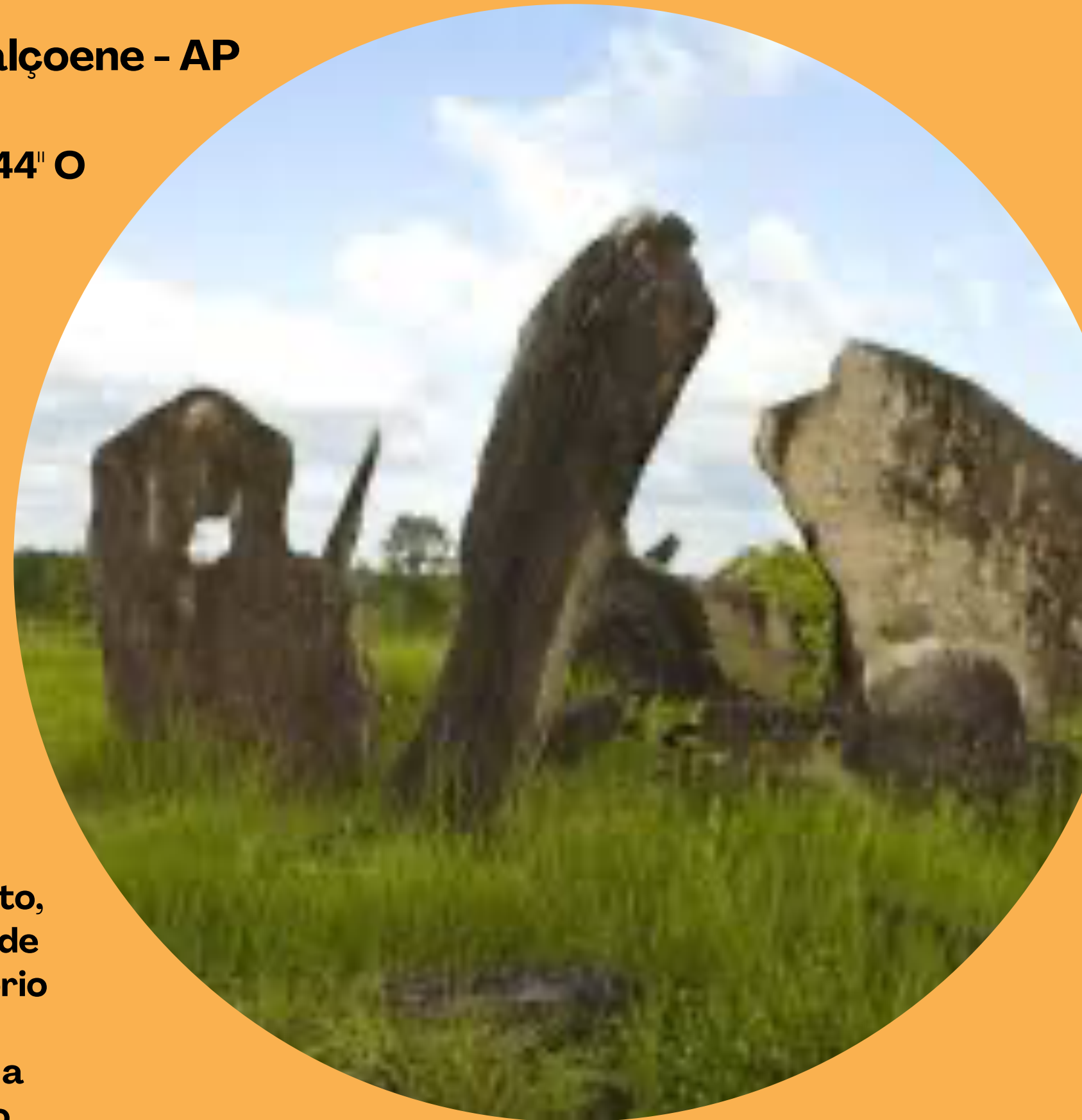
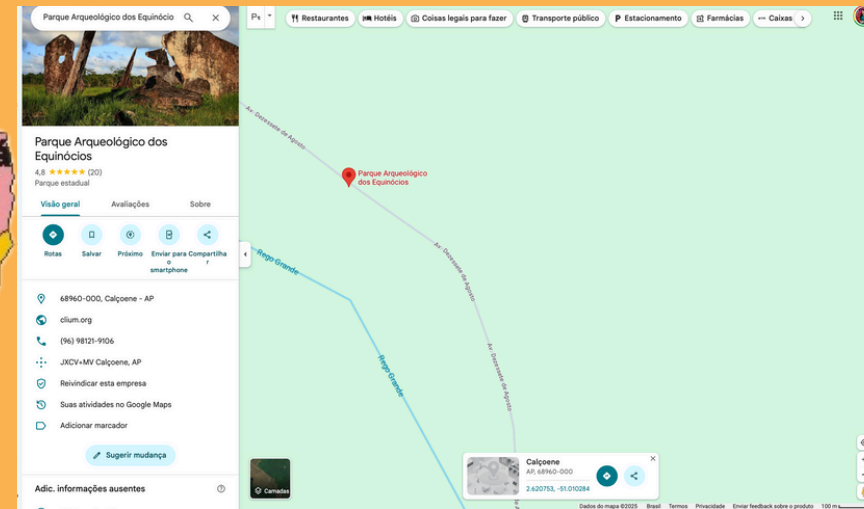


Endereço: 68960-000, Calçoene - AP

Telefone: (96) 98121-9106

Coordenadas: 2° 37' 13" N 51° 0' 44" O

Criação: 2005



No Parque Arqueológico do Solstício, encontram-se vestígios arqueológicos significativos, principalmente formados por um conjunto de 127 blocos de granito, cada um medindo até 4 metros de altura, organizados em um círculo com mais de 30 metros de diâmetro. Esse cromeleque tem características de um observatório astronômico, uma vez que o alinhamento das pedras possibilita o acompanhamento dos solstícios, especialmente o solstício de inverno, quando a sombra de uma das pedras desaparece ao meio-dia, indicando um sofisticado entendimento dos ciclos solares pelos povos antigos que o construíram.

7.1. Descrição: Vestígios arqueológicos.

O Parque Arqueológico do Solstício é um sítio arqueológico localizado no município de Calçoene, no Estado do Amapá, destaca-se pela presença de um cromeleque — um círculo de pedras megalíticas dispostas em um alinhamento astronômico.



Este patrimônio evidencia a complexidade das sociedades indígenas pré- coloniais da Amazônia e seu conhecimento sobre os ciclos naturais e os movimentos celestes. O parque tem se consolidado como um importante local de estudo para arqueólogos, historiadores e pesquisadores das culturas indígenas da região.

Além do círculo megalítico, o sítio apresenta indícios de que o local teria sido utilizado para práticas cerimoniais e possivelmente agrícolas, com a observação dos ciclos naturais orientando atividades importantes para a sobrevivência e organização social dessas comunidades. Os vestígios do Parque Arqueológico do Solstício não apenas revelam as técnicas construtivas e o uso simbólico do espaço, mas também refletem a relação estreita entre os povos indígenas e seu ambiente natural, caracterizando um patrimônio cultural e arqueológico fundamental para o entendimento da história pré-colonial da Amazônia.

7.2. Perspectiva Decolonial: Exploração de práticas ancestrais.

Sob uma perspectiva decolonial, o Parque Arqueológico do Solstício valoriza as práticas ancestrais indígenas do Amapá, deslocando o olhar eurocêntrico para reconhecer suas epistemologias como centrais na história regional. Mais que vestígio do passado, o sítio constitui espaço vivo de memória, cosmologia e práticas ritualísticas. Em sintonia com Mignolo (2011), que propõe reconfigurar o conhecimento para legitimar vozes subalternas, o parque reafirma a conexão dos povos originários com os ciclos naturais, expressa no alinhamento astronômico das pedras e em suas práticas culturais.

Assim, a preservação do Parque deve incluir o diálogo com as comunidades indígenas, promovendo trocas de saberes e a reafirmação de suas identidades culturais. Essa prática desconstrói hierarquias epistêmicas e fortalece uma história pluriversal, em que múltiplas narrativas ampliam a compreensão do passado e do presente amazônico.

7.3. Recomendações: Projetos de observação e registro.

Para a preservação e valorização do Parque Arqueológico do Solstício, recomenda-se a criação de projetos participativos que envolvam pesquisadores e comunidades indígenas locais, reconhecendo os povos originários como guardiões do conhecimento ancestral. Essas ações devem incorporar narrativas, práticas e saberes indígenas à documentação e interpretação do sítio, em sintonia com a proposta de descolonização da arqueologia (SMITH, 2012; NAKATA et al., 2012).

Atividades como observação astronômica em datas-chave, oficinas sobre os solstícios e registros dos alinhamentos das pedras podem integrar ciência, memória e cultura, valorizando os sentidos atribuídos historicamente pelas comunidades. Além disso, o uso de ferramentas digitais de mapeamento e monitoramento, articuladas às tradições orais e à cosmovisão indígena, amplia as formas de leitura do patrimônio.

Por fim, parcerias entre universidades, órgãos públicos, instituições culturais e comunidades devem garantir a formação de agentes locais para atuar na gestão e na educação patrimonial. Esse processo colaborativo fortalece a autonomia das populações, promove protagonismo e reafirma a pluralidade epistêmica, como defendem Tuhiwai Smith (2012) e demais autores da perspectiva decolonial.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Maria; SILVA, João Carlos. Curadoria Participativa e o Engajamento Comunitário em Museus. *Revista de Museologia Contemporânea*, v. 8, n. 2, p. 45-62, 2023.
- ALMEIDA, Sônia; SILVA, Marcos. Museologia participativa: um estudo sobre curadorias colaborativas no norte do Brasil. *Revista Estudos em Patrimônio e Memória*, v. 19, n. 2, p. 45-67, 2023.
- ANDERSON, Gail. *Museums and the Religious Imagination*. London: Routledge, 2004.
- ARANDIA, Gisela. *Decolonización cultural: una utopía necesaria*. La Habana: Cátedra de Estudios Afrocaribeños, 2004.
- ARANTES, Antonio A. Diversidade cultural e políticas públicas: desafios da UNESCO e da antropologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 65, p. 15-23, 2007.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).
- BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007. (Obra original publicada em 1979/1982).

APÊNDICES

- AMAPÁ. Governo do Estado. Museu de Arqueologia e Etnologia apresenta a história do Amapá com exposições de fotos e artefatos. Portal do Governo, 1 mar. 2023. Disponível em: <https://www.amapa.gov.br/noticia/0103/museu-de-arqueologia-e-etnologia-apresenta-a-historia-do-amapa-com-exposicoes-de-fotos-e-artefatos>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- AMAPÁ. Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). Museu de Arqueologia e Etnologia. Portal da Cultura do Amapá. Disponível em: <https://secult.portal.ap.gov.br/conteudo/vinculadas/museu-de-arqueologia-e-etnologia>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- PORTAL AMAZÔNIA. Museu de Arqueologia expõe peças em mostra permanente no Amapá. Portal Amazônia, 10 fev. 2022. Disponível em: <https://portalamazonia.com/variedades/museu-de-arqueologia-expoe-pecas-em-mostra-permanente-no-amapa>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- Secretaria de Cultura do Amapá – Museu Fortaleza de São José
<https://secult.portal.ap.gov.br/conteudo/vinculadas/museu-fortaleza-de-sao-jose-de-macapa>
- Guia das Artes – Museu Fortaleza de São José
<https://www.guiadasartes.com.br/amapa/macapa/museus/museu-fortaleza-de-sao-jose-de-macapa>

Localização de museus para trabalhar a decolonialidade no Estado do Amapá



"A perspectiva decolonial nos permite reconhecer que a identidade não é estática nem monolítica, mas um campo de contestação e reexistência, especialmente em um território que vivenciou intensas dinâmicas coloniais e que pulsa com a presença de diversos povos originários, comunidades quilombolas e ribeirinhas